

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

| | | |
|--------------------------------------|---------------------|------------------------------------|
| Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Francos de porte |
| Anno ou 24 numeros | 24000 | Trimestre ou 6 numeros 4500 |
| Semestre ou 12 numeros | 12000 | N.º avulso ou pago a entrega. 6120 |
| ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS | | |
| Anno ou 24 numeros | 35000 | Semestre ou 12 numeros 17500 |

1.º ANNO—VOLUME I—N.º 22

15 DE NOVEMBRO 1878

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA—43, RUA DO LORETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
O correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro e sr. Serafim J. Alves.



ADELAIDE RISTORI, NO DRAMA IZABEL DE INGLATERRA

Segundo uma photographia de Houseworth

SUMMARIO

TEXTO.—Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO—Ristori, RAMALHO ORTIGÃO—Últimos amores de Goethe, D. MARIA AMALIA VAS DE CARVALHO—Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, governador da Índia, CHRISTOVAM AYRES—As nossas gravuras—Exame das Moedas de Siam, A. MARQUES PEREIRA—Ronda diabólica, XAVIER DA CUNHA—A Formosa Lusitania.

GRAVURAS.—Adelaide Ristori—Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, novo governador da Índia—Fachada da exposição da Austria-Hungria—Uma boa cartada, quadro de M. M. Bordallo Pinheiro—Ulysses Grant—O Ouro e suas margens—Medalha da exposição de Paris—Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A luz Jablochhoff, á hora em que se escreve esta chronica, ainda humilha o gaz no Chiado. Mal diria este *agente* da escuridão municipal que chegaria um momento em que outra luz seria para elle o que elle proprio, nos esplendores da sua mocidade, foi para a vella de cebo! Com que sorriso de desdenhosa ironia a luz Jablochhoff o tem fectado nas ultimas noites da varanda do hotel Gibraltar! e elle confundido, offuscado, se ha de tomar a resolução heroica de mandar o devidendo ao demonio, abrindo a torneira toda para lutar vantajosamente com o seu rival, apenas adopta o expediente de se tornar amarelo, tomando o aspecto doentio d'uma luz a que a camara propinasse o bolo peçonhento com que se affirma a energia do municipio lisbonense!

Imperdoavel falta de coragem no que chegou a ser o primeiro pelo valor das *acções*, embora fosse o ultimo pelo esplendor da claridade!

A luz Jablochhoff parece ter imprimido por um momento a Lisboa o verdadeiro aspecto d'uma cidade europeia. Desde que no Chiado houve abundancia de luz começou tambem a haver abundancia de cazos excepcionaes. O eterno romance do amor manifesta-se já sob um aspecto menos monotonos do que esse que até aqui lhe impunha a morigeração dos nossos costumes. A parte de policia nos ultimos dias fallou até do caso d'uma patrulha ter prestado auxilio a Mademoiselle Julieta que chamando por soccorro d'uma janella do Chiado, foi ás 2 horas da noite depôr no governo civil contra Romeu, incurso talvez a estas horas em algum dos artigos do codigo penal, por attentado contra o pudor!

A humanidade conseguiu, em fim, apoderar-se do segredo da aurora. A luz electrica metida n'um globo de porcelana, reduz toda essa perenne fonte de poesia a um processo d'extrema simplicidade, e dentro em pouco todos nós poderemos ter o *pallido astro da noite*, ou o *formoso astro do dia*—simples differença d'*abat-jour*—no nosso quarto de dormir, a rasão de trinta réis a hora!

Com a nova luz chegou a Portugal uma grande celebridade, o general Grant, que não fez realmente o ruido que ainda ha poucos mezes fizeram, rodando nos coches da casa real pela rua do Ouro, os embaixadores marroquinos, mas que na verdade valle um pouco mais que todos aquelles interessantes selvagens, no que elles tinham de mais extraordinario tanto em aspecto como em chinellas de marroquim—embora a cidade me queira ou não acreditar.

Para o pensador foi uma lição aprazível e salutar aquella de ver o homem que dirigiu durante uns poucos de annos os destinos do maior estado do mundo, apresentar-se n'uma noite de gala em S. Carlos, simplesmente vestido de casaca, sem farda nem condecorações, ao lado de sua mulher, singelamente trajada de *faille*, e como que absorto de se encontrar no meio de um auditorio tão constellado e tão coberto de medalhas e de plumas desde o ventre até á nuca!

O enleio de Ulysses Grant era manifesto. Ás vezes, á entrada do cortejo na tribuna real, esquecia-se de se levantar, dando perante as massas negras de casacas enfileiradas na geral, manifesta, se bem que involuntaria prova de descortezia pelo que as instituições nacionaes possuem de mais angusto. Entretanto, aquelle homem que ali estava compartilhando com a *toilette* de Sua Magestade a Rainha, a curiosidade elegante da sala de S. Carlos, tinha praticado os feitos mais extraordinarios de que resa a moderna historia da arte da guerra, acabando por tomar pacificamente a direcção dos negocios d'um grande povo, depois de ter tomado Richmond.

Oh, se o general Grant, debruçando-se do seu camarote, aborrecido com aquella curiosidade importuna, se lembrasse de nos perguntar.—Meus senhores, fazem o obsequio de me dizer o que os amigos até hoje tem tomado?

Vergonha é confessional-o! Nós com verdade apenas lhe podiamos responder:

—Temos tomado chá, e uma vez por outra um meio grog.

Diga-se, para sermos justos, que não está na mão de qualquer tomar uma praça de guerra com a mesma facilidade com que se toma um calix d'ortelã-pimenta no Baltresqui! entretanto o pensador emmaranhava-se n'um labaryntho de supposições, ao calcular em que logar os medalhões portuguezes haviam de dependurar as condecorações, se porventura algum dia tomassem alguma cousa mais séria do que uma bebida, embora ella fosse de guerra.

Ulysses Grant foi d'uma isempção proverbial nos poucos dias que se demorou no nosso paiz, não desmentindo a sua fama de homem reservado e frugal, conforme as chronicas do dia o apregoam. No hotel recomendou simplicidade na meza; e recusou mesmo servir-se d'uma gran-cruz que o poder moderador lhe offereceu delicadamente n'um jantar da corte, ao *dessert*, como o pomio mais apeteçido do paiz. Grant fundamentou a sua recusa no precedente de ter sempre evitado na

sua digressão pelos diferentes estados da europa, sobrecarregar o estomago com ignurias exquisitas, repugnando ao seu caracter espartano a adopção de maus *habitos*.

Mas da mesma fórma que se guarda o Syracusa precioso para o amo e se propina ao creado o patriótico Porto de segunda sorte, da mesma maneira se offereceu uma gran-cruz a Grant e um simples habito de Christo ao seu creado particular. Este, diga-se para satisfação do nosso amor proprio, accellou o brinde com alvoroço, ao que parece. Ainda mais, ha quem diga que achou pouco e ficou a lamber os beiços á espera talvez da Torre e Espada de 1834, o gulozo!

Contente-se que não váe mal. Comeu, passeou, divertiu-se, foi aos Recreios, ao Passeio publico, e á hora da partida, o estado para o consolar nas amarguras da saudade, dá-lhe a beber dois decilitros de nobreza. Que mais pode exigir o simples creado d'um ex-presidente?

Rua, rua, que está cá muita gente a pedir habitos, com fome de dignidades ha muito tempo, sem que até hoje os poderes publicos, tenham escutado as suas supplicas.

—A proposito da febre de condecorações que váe corroendo as entranhas d'uma geração doentia e senil, cujo nivel moral desce dia a dia como as acções da companhia do gaz, devemos notar que ainda ha pouco algumas folhas auctorizadas lamentavam que até hoje se tenha esquecido de formular o competente regulamento para pôr em vigor a lei que creou a medalha do trabalho. Das considerações d'aquellas folhas deprehende-se que o trabalhador portuguez, não soffre realmente as necessidades que até aqui lhe attribuiam alguns publicistas platonicos, e que essa preconizada falta de alimentação abundante e sadia, tanto sob o aspecto de pão, carne e vinho, como sob o aspecto de educação e d'ensino, apenas deve ser tomada á conta d'uma rhetorica seductora com que se pretende captivar as sympathias do proletariado. Pôde ser que seja assim, entretanto se á chronica fosse dado fazer ouvir a sua voz no gabinete do ministro do reino, a chronica ousaria pedir ao velho pamphletario de 1846, o extremo obsequio de se ir esquecendo de formular o referido regulamento o mais que lhe fosse possível. Se podesse mesmo pegar na lei já votada e mettel-a no fogão, para augmentar a temperatura do seu gabinete, n'estas manhãs frias e caliginosas que vão correndo, não faria um menor serviço aos seus tranzidos membros de ministro, do que á moral e á simplicidade publica ameaçadas no seu ultimo baluarte—o povo.

Por que a verdade é esta, meus senhores;—a chronica tem sempre a coragem das suas opiniões:—Corrompesteis em grande parte o espirito das classes medias pelo systema das *condecorações*, e agora, sem que o povo pense em fazer barricadas, sem que pense em agitar o facho do incendio, pretendeis carregar os obuzes que o hão de *medalhar* sem piedade! E ousareis tal? Fazemos a justiça de acreditar que o somno dos vossos amanuenses obstará a que o regulamento em questão seja passado a limpo.

Quereis na verdade recompensar o trabalho, estimula-o nobremente na pratica das boas acções, ajudando a revigorar n'elle essa energia salutar por intervenção da qual se enterra um arado n'uma leira de terra, ou se prostra no chão um pinheiro, com um machado? Pois muito bem; n'esse caso em vez de instituir a medalha, institui o *panno piloto* do trabalho; e se haveis de dar como unica recompensa ao cavador e ao rachador de lenha, uma bugiganga, de que elles não sabem a significação, dae-lhes antes um bom jaleco forte ou uma boa manta de lã que os resguarde dos frios do inverno.

E, sob este ponto de vista, eu acredito mais na influencia de um tear do que na de um decreto. N'estes casos não ha chancellaria que valha a Covilhã.

—Adelaide Ristori, a tragica de grande raça que representa a tradição da estatuaria no theatro, reapareceu no palco de S. Carlos aonde surgira pela vez primeira ha dezoito annos. N'este lapso de tempo o repertorio envelheceu muito mais do que a grande actriz. Por exemplo a *Medea* de Legouvé que em 1839 foi considerada quasi uma obra prima, é simplesmente hoje uma tragedia alambicada, falsa, contrafeita, que apenas se podia tolerar se em vez de ser escripta por um academico fosse assignada por Eschylo.

A Ristori manifestou-se verdadeiramente protentosa no quinto acto da *Isabel rainha de Inglaterra*. Supremo poder artistico o d'esta mulher extraordinaria que só sabe ser grande em papeis extraordinarios, aonde a estatura do seu vulto e a do seu talento caibam á vontade em moldes proporcionados á sua grandeza épica!

Nos papeis em que foi assombrosa, Ristori, apenas logrou ser vista por alguns espectadores. Foram como que umas recitas intimas a que assistiram a familia real e cerca de cincoenta admiradores. Quando porém representou uma reles peça chamada *Maria Antonieta*, narcotico em sete actos devidos á massadora e circumspecta penna de Giacometti, então a Ristori para não desacostumar o publico que enchia, avido de chopar, as platéas e os camarotes, não representou extraordinariamente melhor, do que a sr.^a Emilia Adelaide, salvo nos dois ultimos actos quando a peça de Giacometti lhe permitia uma expansão larga. Fora d'isso, Ristori, teve o condão de não espantar a turba adventicia que saiu de S. Carlos convencida de que as folhas a tinham mystificado cruelmente quando lhe disseram haver chegado a Lisboa o genio da tragedia.

«A tragedia e Ristori morrerão no mesmo dia» disse Castilho. Se muitos dos actores italianos que acompanham a grande actriz morressem alguns annos antes, era muito possível que nós não aturássemos, durante seis actos, o ultimo Luiz XVI do seu reinado.

RISTORI

Basta olhar para ella: é uma excepção. É na escala morphologica — assim como Newton, Shakspeare, Beethoven ou Balzac na escala intellectual — um caso anómalo de *differenciação progressiva*. O typo generico da mulher moderna não é o d'ella. Comparem-a com as demais atrizes contemporaneas. As outras são debéis e frageis. Não podem nem com a forte espiritualisação nem com a forte animalidade.

Sarah Bernhardt, por exemplo, a mais poderosa organisação psychologica do theatro moderno, cae por vezes na scena, desmaiada, em resultado de desequilibrios nervosos.

Croisette não resiste ás consequencias de uma alimentação abundante, e o seu talento tende a submergir-se na onda ameaçadora das suas carnes, represadas pelo costureiro Worth ou pelo costureiro Felix em espartilhos tão engenhosos como os diques da Hollanda.

As celebridades minúsculas da *operetta* ou do *vaudeville*, tonificadas a pílulas arsenicas e a ferro Bravais, vergastadas em cada manhã ao longo da espinha por esguichos hydrotherapicos, sobrecitadas a lagosta e a cerejas de conserva em agnarde, são lindas bonecas d'um pittoresco de fancia: saia arrepanhada para traz cingindo a coxa como uma luva, botina arqueada, guedelha em lesma sobre a testa, e olhos de boi bestilizados a carvão deante do espelho. Ellas são o typo consagrado da illuminura de cartonagem para pastilhas abanilhadas ou para lenços baratos de cambraieita de algodão.

Ristori pertence a um mundo que não é esse; pertence ao mundo ideal, ao mundo abstracto, ao mundo mythologico.

De estatura mais elevada que a media da altura do homem, com o perfil austero de uma matrona romana, os olhos garços de uma scintillação magnetica, a voz cheia, vibrante, dominativa, a mão nervosa, o pé estreito e longo dos marmores classicos, o passo largo, viril e magestatico da Diana antiga, — Ristori é extremamente superior para ser verosimil. Se ella fizesse papeis de mulher, da mulher que nós conhecemos do Chiado, da missa do Loreto, da confeitaria do Baltresqui, da rocha de Setiaes e das *soirées* do Club, não hesite em acreditar que a senhora Maria das Dóres, a senhora Josephia de Oliveira ou a senhora Carolina Pereira iriam melhor.

Mas é preciso distinguir para dar a Ristori o lugar que lhe compete na historia da arte.

Ristori não representa physionomias individuais; representa expressões e sentimentos humanos. Não é fulana nem cicrana; não é esta nem aquella. É o amor, é o odio, é o ciúme, é a colera, é o frenesi, é a dôr, é a desgraça.

Para cada uma das violentas crises da nossa alma ella sabe achar a nota mysteriosa em que se encarna a commoção para se converter em imagem palpavel e viva.

Benigna e amante, tem a suprema doçura ineffavel dos grandes lagos dormentes e dos luars saudosos e profundos. Irada e hostil, cerca-lhe a fronte uma auréola tenebrosa, os olhos inflammam-se-lhe de um ardor felino, a sua voz sibila e troveja como a tempestade, e ella parece caminhar, respirando sangue, inclemente e fatal, n'uma atmosphera de morte.

A tragedia, de que Ristori se fez a interprete, desapareceu porém d'entre as curiosidades e d'entre os interesses do espirito n'este momento do nosso seculo. E ella, a grande sacerdotisa inspirada, tem aos nossos olhos o aspecto, um pouco morto e marmoreo, da bella estatua que desce de sobre o tumulo de uma arte extincta, para assistir, conviviva monumental e phantastico, á ceia realista, para a qual Jablochhoff acaba de accender o lustre.

RAMALHO ORTIGÃO.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

X

Ahí ficam traçados os lineamentos principaes das duas figuras, que estudamos. Se debaixo da nossa penna inexperiente é vago e ondeante o perfil de Bettina, ou se é acanhado o vulto de Goethe, lembrem-se os leitores que um tem a grandeza que assombra, outro a graça imponderavel que se não reproduz e se não fixa.

Que a imaginação dos que folhearem estas paginas preencha as lacunas que deixamos, e complete a imperfeição das imagens que tentamos bosquejar. Depois vendo-o a um em frente do outro, elle na sua magestade exagerada pelos annos, ella na sua ligeireza ideal de sylpho e de borboleta, que diga se o amor é possível entre os dois.

O bom senso responde despidosamente que não, mas o bom senso só sabe julgar sob o seu ponto de vista. Justo embora, mas d'uma justiça acanhada e vulgar.

De mais, deve observar-se que no espirito da nossa geração a palavra *amor* está cruelmente desacreditada.

As mulheres honestas fogem d'ella como de alguma cousa em que o demonio imprimiu a guerra phosphorescente, e quando no coração d'ellas desabrocha essa ideal flôr azul estrellada pelos orvalhos da aurora, dão-lhe um outro qualquer nome, que não traga tanto á idéa as manchas e seduccões de Satanaz.

De feito o sentimento casto e profundo com que as mulheres hoje se

prendem ao homem a quem têm de acompanhar na vida moderna, através das privações e dos trabalhos, na doença ou na alegria, na prosperidade ou na miséria, a quem hão de ajudar, consolar, e guiar mesmo ás vezes nos desfiladeiros tortuosos de honra social, esse sentimento nada tem com o outro, a que desde muito davam o nome de amor, planta de luxo que só medra na estufa dos opulentos, graça facticia que só se desenvolve nos languores da ociosidade, entre as finuras e subtilezas da vida aristocratica.

As sociedades não transformam impunemente o seu viver, nem deslocam, sem que isso produza resultados profundos e visíveis, o que foi durante seculos o seu ideal.

Depois o amor é de todos os sentimentos humanos aquelle que mais modificações tem soffrido, aquelle que tem corrido mais aventuras, que tem andado em maiores baldões. Pôde dizer-se que em cada uma das suas crises definitivas a humanidade o tem visto sob um diverso aspecto.

A antiguidade quasi que o não conheceu; e apesar de ser o mysticismo que o revelou á alma christã, os ascetas da primitiva igreja condemnaram-no como á originaria culpa que nos expulsou do Eden.

No cavalleiroso periodo gothico apparece-nos ethereo, requintado, impalpavel, confundindo-se com a adoração da Divindade. É um sacrificio e um despendimento, em vez de ser uma expansão e uma força, mas partem d'elle no fim de contas os unicos raios de luz que doiram o cháos da idade media.

Na renascença quando a materia tantos seculos opprimida e ultrajada pela idéa catholica solta o seu longo brado de triumpho, e que as paixões algemadas no robusto animal humano, irrompem por toda a parte n'uma subita explosão de revolta; quando todas as forças vivas da natureza se arrojam com impeto indomavel á conquista dos seus direitos, o amor é mais uma expansão sensual, mais um retrocesso.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

CAETANO A. D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

O OCCIDENTE publicando o retrato do actual governador dos Estados da India portugueza, que se acha de caminho para Goa, onde vae tomar posse do seu governo, tribua a devida homenagem á intelligencia e probidade de um homem que tem prestado a Portugal o serviço que mais devia ser apreciado n'um paiz nas condições do nosso: — o aperfeiçoamento das colonias.

Mas um paiz que desperdiça as suas forças nas luctas estereis da politica de nomes, defensora não de principios, mas de interesses pessoais, não tem vagar, nem talvez auctoridade moral para educar os povos e attender aos interesses que distam milhares de leguas do centro da sua rachitica actividade. É esta a razão por que merecem o nosso respeito os homens a cujos esforços individuais se deve o pouco que existe de progresso e de civilisação nas nossas colonias, restos miserandos de passadas grandezas.

Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, filho de Bento d'Almeida e Albuquerque e de D. Anna Justina de Moura Furtado, começou em 1835, com 11 annos de idade, a sua carreira publica, como aspirante a guarda-marinha, e concluiu com distincção o curso da escola Polytechnica em 1839 e em 1840 o da escola naval.

Desde este ultimo anno em que foi promovido ao posto de guarda-marinha, até hoje, em que no posto de contra-almirante supranumerario, posto que occupa ha anno e meio, vae, transferido do governo de Angola, para o governo da India, a sua vida tem paginas gloriosas.

O curto espaço de que dispomos não nos permite o desenvolvimento que desejavamos dar a esta noticia biographica; por isso apenas podemos deixar referidos os serviços importantes prestados por este distincto official no primeiro periodo da sua vida publica.

Assim encontramos-o de 1841 a 1845, no posto de guarda-marinha, cruzando nas costas do Algarve, e fazendo parte da estação naval da Africa Occidental, cujos serviços no impedimento do trafico da escravatura são de todos assaz conhecidos; tem-o de 1846 a 1848 como official do brigue *Douro*, concorrendo com os seus serviços, pelos quaes foi condecorado, nas luctas que n'essa epoca agitaram o paiz; e encontramos-o em diferentes epocas em Inglaterra para a aquisição de navios de guerra, e salva-vidas, para a construcção de vapores, montagem de machinas e outros serviços importantes á marinha portugueza.

Não nos podemos porém demorar na apreciação d'estes serviços, por isso passamos a tractar d'aquelles que na nossa opinião mais honram o nome do sr. Caetano d'Almeida e Albuquerque, serviços estes prestados durante os seus gloriosos governos em Cabo Verde e Angola.

Quando em 1869 tomou posse do governo de Cabo Verde era bem pouco lisongeiro o estado em que se achavam n'aquella provincia os diversos ramos de serviço publico. Pelos documentos que temos á vista e que nos vieram dar a razão dos credits adquiridos pelo governo do sr. Albuquerque, vemos que as obras publicas, a instrucção, a organisação das diversas repartições do estado, a hygiene, a navegação, o commercio, a agricultura tomaram um incremento prodigioso.

No fim de sete annos a provincia de Cabo Verde podia rivalisar com as mais bem organisadas possessões das nações colonisadoras, tanto nos melhoramentos introduzidos na alta administração, como nos aperfeiçoamentos materiaes.

Se em Portugal houvesse o conhecimento preciso das necessidades das suas colonias teríamos aproveitado melhor estes progressos a fim de levantar cada vez mais aquella possessão, desmentindo d'este modo, uma vez pelo menos, a triste opinião que todos formam das nossas qualidades administrativas.

Em Angola no curto período de dois annos era materialmente impossivel realisar eguaes melhoramentos; mas apesar d'isso o governo do contra-almirante Albuquerque deixou provas indeleveis da sua passagem, e a memoria de uma energia de caracter e uma força de vontade pouco vulgares.

Tendo de combater a cada momento os elementos da mais faciosa opposição (qualidade esta muito característica, que as colonias herdaram da metropole) o illustre governador teve mais do que nunca occasião de provar a rija tempera das suas qualidades de funcionario publico.

As mesmas difficuldades com que teve de lutar, os mesmos elementos que teve de combater em Angola, vae o illustre governador encontrar na India, com algumas aggravantes; mas temos a convicção de que o seu energico caracter ha de ser superior a todas as mesquinhas luctas, com que, filhos e enteados, procuram desprestigiar de todo um tão glorioso paiz, hoje monumento vetusto e carcomido, a reclamar urgente reconstrucção.

Tenha o novo chefe do estado da India actos de energia, como os que distinguiram os seus governos em Cabo Verde e Angola, e o futuro lhe fará a devida justiça.

A posteridade é sempre recta nos seus juizos, não regateando nunca os applausos merecidos.

C. AYRES.



CAETANO ALEXANDRE D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE — Novo Governador da India Portuguesa
(Segundo uma photographia de M. Fritz)

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA AUSTRIA-HUNGRIA NA RUA DAS NAÇÕES
(Segundo uma photographia)

AS NOSSAS GRAVURAS

FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA AUSTRIA-HUNGRIA NA RUA DAS NAÇÕES

Esta fachada é de simples aspecto, não lhe faltando todavia nem grandeza, nem magestade. O seu architecto teve em vista não a architectura austro-hungara, mas o vestibulo d'um palacio de bellas artes. É com effeito ás artes que é consagrado este conjuncto de dois pavilhões quadrados unidos por uma galeria de nove arcos apoiados sobre uma columnada d'elegante estylo. D'estes dois pavilhões, o do sul encerra os escriptorios da commissão austriaca, o do norte os da commissão hungara. A ornamentação é phantasiosa e rica de festões e figuras alegoricas. D'um lado sob um alto poste fluctua o pavilhão austriaco, do outro o pavilhão hungaro. A individualidade hungara está como se vê, claramente indicada. A columnada sustenta um portico formando até certo ponto o vestibulo da exposição austro-hungara. N'este vestibulo estão expostas algumas estatuas: Miguel Angelo, Beethoven, Albert Durer, etc.

D'outro lado estão egualmente expostos os planos e as aguarelas de monumentos existentes ou projectados na Austria e na Hungria, entre as quaes uma vista de uma opera em projecto para a cidade de Buda-Peste, e a restauração do Castello do celebre hungaro João Hunyade, o legendario heroe, adversario infatigavel dos Turcos.

UMA BOA CARTADA

Este pequeno e gracioso quadro de Manuel Maria Bordallo Pinheiro, figurou na exposição de Paris, na secção portugueza de Bellas Artes. A simplicidade e a graça natural do assumpto dispensam comen-

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878
SECÇÃO PORTUGUEZA DE BELLAS ARTES



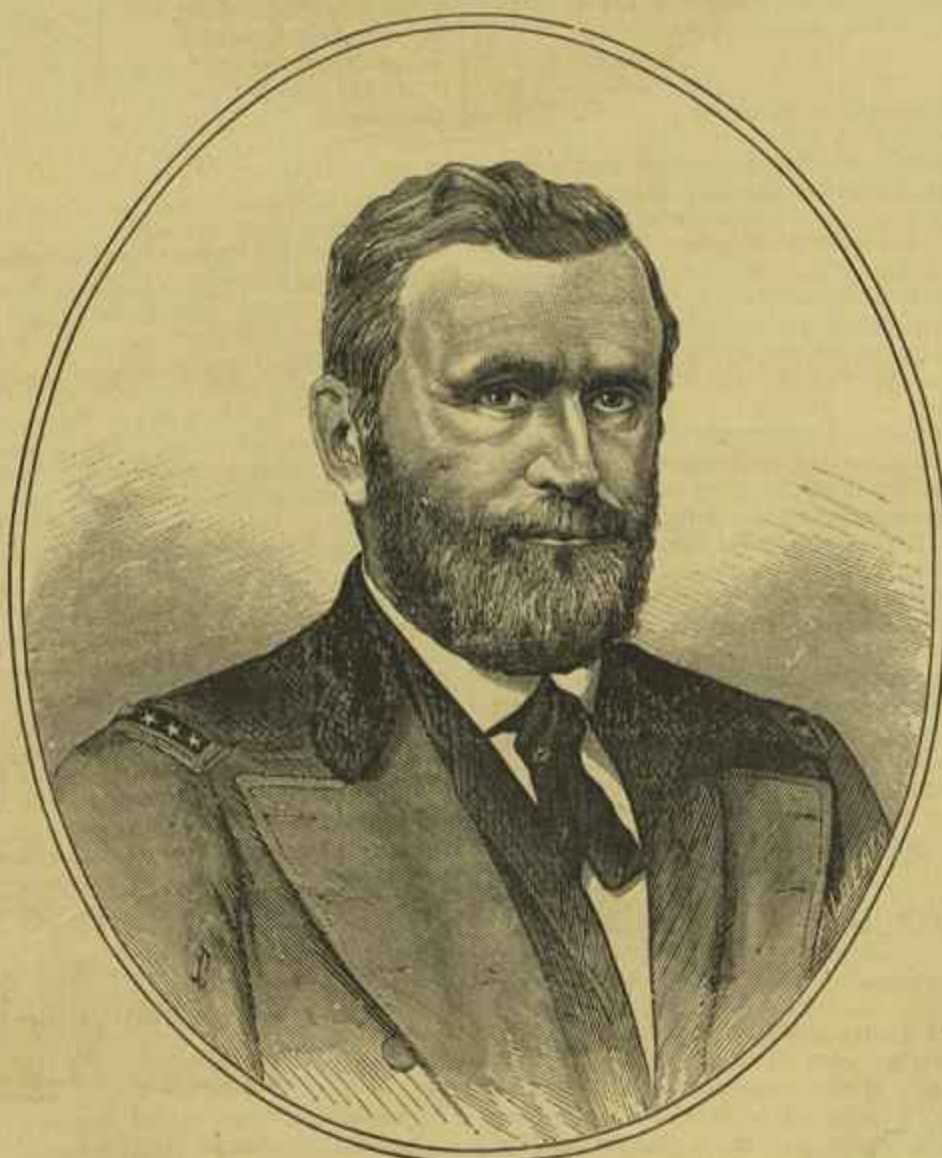
UMA BOA CARTADA — Quadro de M. M. Bordallo Pinheiro — (Desenho do mesmo autor)

tarios. Observa-se ali o mesmo delicado toque, o mesmo esmero de execução que tantas vezes temos notado n'outras composições do notavel artista, um dos mais conscienciosos e dos que em Portugal mais se comprazem no estudo dos antigos estylos: é esta a sua qualidade mais saliente, e a que lhe constitue um lugar á parte no limitado mundo da arte nacional.

ULYSSES GRANT

Lisboa recebeu ha poucos dias a visita d'um dos homens mais celebres do nosso tempo, de Ulysses Grant, ex-presidente da republica americana, o afortunado homem de guerra, e o magnanimo homem de paz, que depois de ser um dos mais arrojados soldados dos tempos modernos, foi o estadista leal, por duas vezes chefe d'uma das mais poderosas nações do mundo, sempre executor fiel da lei, trazendo das sumidades do poder para a obscuridade da vida particular, a mesma simplicidade característica dos heroes antigos.

Grant, filho d'um simples industrial do estado de Ohio, nasceu em 27 de abril de 1822, matriculan-



ULYSSES GRANT, EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS

do-se aos 17 annos d'idade na escola militar de West-Point. Em 1854 deixou o serviço militar para se pôr á frente d'uma fabrica fundada por seu pae. Entregou-se depois á agricultura estabelecendo-se como rendeiro no estado de Missouri, e até 1860 exerceu sempre estas occupações pacificas, que estão nas tradições americanas pelo exemplo de Wasingthon.

De repente quando estala a guerra entre os estados do norte e os do sul, Ulysses Grant, apparece-nos promovido a coronel do 21.º regimento e logo a brigadeiro dos voluntarios de Illinois. Depois de entrar em diversos combates conferem-lhe em fevereiro de 1862 o commando do exercito do oeste Tenesse. Toma então o forte Donalson e é nomeado major-general.

A sua fortuna começa aqui n'um crescendo rapido. Em abril de 1862, distingue-se na terrivel batalha de Pittsburg, e em dezembro do mesmo anno substitue o general Sherman no commando do exercito em frente de Wicksburgo, manifestando uma audacia e uma habilidade rara nos trabalhos d'investimento d'aquella formidavel praça, cortando pontes, viaductos, canaes, assenhoreando-se successivamente

de todas as fortificações exteriores, e obrigando, em fim, Wicksburgo a cair nas suas mãos, depois de cinco semanas de bloqueio, com uma guarnição de perto de 20:000 homens.

Depois é nomeado commandante de todas as forças que formam a divisão militar do Mississippi, e em 1864, o presidente Lincoln, eleva-o a commandante em chefe de todas as forças da União, começando logo as suas formidáveis operações na Virginia. Em menos d'um mez reorganisa o exercito de Potomac preparando um triplo ataque concentrico contra Richmond, à frente das forças dirigidas contra Lee, o mais habil general dos estados do sul. Depois d'uma serie de batalhas sangui-nolentas que se prolongaram durante alguns mezes, assegura-se da ri-beira de James e põe cerco a Petersburgo, uma das chaves da capital confederada custando só o combate de 18 de julho uma perda de 8:000 homens.

Toda esta campanha do Ripadan e do Pô, n'um paiz accidentado, coberto de florestas, dá a conhecer o general Grant como um estrate-gico habilissimo, dotado d'um temperamento inflexivel, verdadeira-mente americano, pelos prodigios de habilidade militar que empregou para se apoderar successivamente dos rios e dos caminhos de ferro que na estrategia d'esta campanha tiveram um tão importante papel.

Depois de muitos ataques, alguns inuteis, e d'uma serie de comba-tes mortiferos, Grant tendo finalmente forçado todas as posições do exercito separatista, apodera-se de Petersburgo e Richmond que é in-cendiada. A derrota dos confederados foi completa. A União achava-se restabelecida pela victoria de Grant que no meio das complicações em que o assassinato do presidente Lincoln podia lançar a republica, mos-trou pela lei e pelo novo governo a submissão e a deferencia do ul-timo cidadão.

A sua grande popularidade, junta a uma grande probidade, deveu o ser escolhido em 1868 pelos republicanos, como candidato á presi-dencia, sem que de forma alguma podesse desejar esta candidatura. O seu nome triumphou sem esforço. O general Grant foi eleito presidente a 3 de novembro. Imensos meetings enviaram as suas felicitações ao vencedor de Richmond que as recebeu do mesmo modo que a noticia official da sua eleição, com a placidez habitual do seu caracter.

Entre os actos do seu governo destacam-se, as medidas de pacifi-cação tomadas com relação ao negocio do Alabama, a abertura solemne do caminho de ferro do Pacifico, a redução extraordinaria da divida dos Estados-Unidos, a abertura solemne da exposição centenaria.

Reeleito presidente, seguiu da mesma forma uma politica energica e leal, exercendo sempre uma influencia benéfica em todos os negocios do seu paiz.

Eis aqui a traços largos o perfil d'esse homem celebre que ha pouco atravessou, como um simples cidadão, por entre os esplendores do velho mundo, que na verdade não comprehende ainda muito bem como um homem pôde ser tão celebre, apresentando-se d'uma forma tão despertenciosa e tão despida de pompas exteriores.

MEDALHA DA EXPOSIÇÃO DE PARIS

A medalha da exposição, representada hoje na nossa ultima pagina, foi gravada pelo habil artista mr. Chaplain. O modelo é o mesmo para todas as ordens de recompensas, mas difere no tamanho. A medalha d'honra destinada ás bellas-artes e o grande premio da industria, são d'ouro medindo 68-milímetros de diametro: a simples medalha d'ouro é mais pequena, o seu diametro é de 50 milímetros: as medalhas de prata e as de bronze são do mesmo molde das grandes medalhas d'honra e do grande premio. O valor das primeiras medalhas é de 750 francos, o das medalhas d'ouro de 280 a 300 francos, e de 35 a 40 francos o das medalhas de prata.

Debaixo do ponto de vista artistico é extremamente notavel o tra-balho de mr. Chaplain, d'um desenho sobrio, elegante inspiração do antigo. D'um lado vê-se a figura da Republica, do outro está representada a Fama que percorre o mundo proclamando o nome do recompensado.

Esta medalha é certamente, como trabalho de execução e de con-cepção, a mais perfeita e mais bem acabada de todas as que até hoje teem sido distribuidas nas grandes exposições.

A que nós reproduzimos dá as dimensões exactas da medalha d'honra, e por consequencia da medalha de prata e da de bronze.

Para o nosso paiz vieram muitas d'estas medalhas, como premio e incentivo á nossa industria, tocando uma d'ellas a mrs. Lallemand Frères, intelligentes e zelozos artistas que tantos serviços teem prestado á arte typographica no nosso paiz, e directores da officina em que é impresso o OCCIDENTE, ao qual tambem n'este certamen coube uma menção honrosa.

EXAME DAS MOEDAS DE SIAM

OFFERECIDAS A SUA MAGESTADE EI-REI

A colleção de moedas siamezas cujo offerecimento Sua Magestade EI-Rei o Senhor D. Luiz I me deu a honra de aceitar, é por certo a mais completa das muito poucas que se conhecem, mas a historia anti-ga do interessante paiz dos *Thai*, a despeito das investigações de Pal-legoix, de Smith, de Grehan, de Alabaster, de Mouhot e outros, escon-de-se hoje em tanta securidão que torna impossivel determinar a idade exacta das especies mais notaveis d'essas moedas.

Os siamezes constituem uma das famílias indo-chinezas da raça amarella, e por feições, lingua e outros traços differem consideravel-mente das famílias suas vizinhas, sendo-lhes superiores em alguns respeitos. Este povo só apparece á luz da historia no anno 1350 da nossa era (712 da siameza) com a fundação da cidade de Odiah, Juthia ou Ayuthia. As tradições de tempos mais remotos, muito incertas e confusas, parecem não obstante incontestaveis na designação de Sang-kalok e Picheluk, successivamente, como anteriores capitães de Siam. A posição d'estas duas cidades, que ainda hoje existem e se encontram marcadas em todos os mapps, indica que os siamezes vieram de Laos e buscaram sempre avizinhar-se do mar, ao passo que o mar se afas-tava, — pois é tradição constante que ainda não ha multos seculos o golfo subia até onde agora se encontra Bangkok, a trinta milhas da foz do Menam.




Os nomes das quatro successivas capitães Sangkalok, Picheluk, Ayuthia e Bangkok servem pois a dividir a historia siameza em qua-tro periodos (de cujos dois primeiros pouco mais se sabe afóra esses nomes) e são igualmente usados na classificação de moedas pelos sia-mezes curiosos d'este estudo.

A colleção de Sua Magestade o Senhor D. Luiz possui especies de todas as quatro classes ou epochas. Posso e devo affirmar-o desde que nenhuma razão encontro para duvidar da segurança com que esses entendidos, sem exceptuar o segundo rei Kom Prah Rajavang, reputam de Sangkalok as moedas de ferro da mesma colleção.

A barrinha de prata, em forma de cabo de canivete, é de Laos e antiga, mas por não ter legenda nem carimbo, não sabem designar-lhe a era. Ainda hoje, n'aquella dependencia de Siam, correm algumas d'estas moedas, e outras de cobre com igual feitio e tamanho.

As eras de Picheluk são attribuidas as tres moedas de prata, com a forma de duas ferraduras unidas pelos rompões e com legendas de caracteres elegantes, mas não decifrados. Dizem-nas contemporaneas tambem da fundação do celebre templo de Angkor, ou da grande civili-zação do Camboje, quando este imperio abraçou ou dominou Siam. É porém certo que as poucas que se conhecem em Bangkok teem sido encontradas sómente em Chiong-mai, dependencia siameza, vizinha da Birmanla Inglesa. De minha noticia, nenhuma outra colleção possui tres moedas d'esta especie.

Estão no mesmo caso a varios respeitos as duas moedas cujo feitio se assemelha ao de uma concha, pois são igualmente raras, foram en-contradas em Chiong-mai, e affirmam-se pertencerem á epocha de Piche-luk. São frageis e creio entrar na composição d'ellas principalmente, ou só, o antimónio. Foram-me dadas, uma pelo supremo rei de Siam, e a outra por um negociante singalez, subdito britannico, estabelecido em Chiong-mai.

Mais rara que todas, e tanto que nem o muséo real, nem algum outro colleccionador de Bangkok a possui, é a pequena moeda redonda de prata, com a estampa em relevo do passaro legendario Krut. Somento de tradição a conhecia Sua Magestade o Kom Prah Rajavang e repetidas vezes me fallára d'ella como especie de muito interesse para a nume-ria siameza. Devo-a ao favor do abastado e honrado subdito portuguez Luiz Maria Xavier, cavalleiro de Christo e chefe de repartição no mi-nisterio da fazenda de Siam, que a obteve de uma familia nobre, de suas relações. O passaro Kra-Krut é citado em varias lendas e vê-se esculpido ou pintado em muitos dos mais antigos *vats*, ou pagodes. Designa-se tambem com este signal:  pelo qual se distingue o tical rolico do rei Prah-lot-loy, segundo  da presente dynastia, e avô do actual rei Chulalonkorn, como  abaixo mencionarei. A estimadissima pequena moeda, a que me von referindo, diz-se ser dos primeiros tem-pos de Ayuthia, o que mostra que a moeda redonda e chata, foi conhe-cida e usada em Siam ha cinco seculos, abandonada depois e só de novo adoptada ha uns vinte annos. Sobre a mesma pequena moeda, embora a não possua, bem como sobre as demais a que me refiro aqui, pre-para o meu amigo dr. Hermann Stannius, consul de Allemanha em Bangkok, um attento e demorado estudo, que farei chegar ao gabinete de moedas de Sua Magestade EI-Rei, logo que o receba impresso.

Desde Ayuthia que a principal unidade monetaria siameza é o *tical* de prata, e que se lhe deu o feitio singular e invariavel, quasi semelhante ao de uma bala de espingarda. Ainda hoje circulam esses em grande numero, maiormente do reinado de Maha-mon kut, por outro nome Phrah-chon-klau, que falleceu em 1868 e foi pai do actual rei. Em tão largo decurso de seculos só podem pois distinguir-se e classi-ficar-se os ticaes de diferentes epochas pelo carimbo sobre elles estam-pado, que os successivos reinados adoptaram, em lugar do carimbo an-terior: convindo notar que só depois de acabada a guerra com os bir-manes, no meado do seculo passado, é que adoptou cada reinado reg-ularmente um carimbo seu, — quero dizer dois carimbos, sendo um para os ticaes e o outro para as moedas menores de prata, que tinham tambem sempre a mesma forma rolica dos ticaes, como se vê na col-leção.

A. MARQUES PEREIRA.

(Continúa)

A RONDA DIABOLICA

(CONTO PHANTASTICO)

Conheci-os morando em Buenos-Ayres — o mais aprazível sitio de Lisboa — n'uma casinha côr-de-rosa e com jardim.

Eram ambos moços, e tinham casado por inclinação.

Em torção d'elles debruçava-se o bem-estar consolador d'essa des-

afogada mediania que nem conhece as pungentes amarguras da pobreza nem as inquietações da opulencia millionaria.

Carlos resumia na esposa os affectos todos da sua alma, e caprichava em condescender com ella nos seus mínimos desejos.

Só n'uma coisa não!

Carlos, — que era todo inlevo na companhia da sua formosa Clotilde, — em chegando certa hora da noite não podia conter-se.

Esquecia-lhe o tepido conchego do ninho conjugal, dizia adeus aos carinhos e nos sorrisos da esposa; — e, por mais que esta lhe pedisse... por mais que o infelicitasse... ell-o ahi vac... até de madrugada que voltava então!

Dizia elle que não tinha em que entreter aquellas horas da noite. O caso apresentava talvez apparencias de inspirar ciúmes; Clotilde, porém, não os sentia.

Carlos, quando por deshoras regressava, contava tudo a sua mulher, tudo tin-tin por tin-tin.

Clotilde surria-se com indulgente meiguice... e perdoava-lhe sob condição de que o marido não tornaria.

Carlos promettia que sim, que havia de emendar-se.

Mas na seguinte noite voltavam irresistíveis os impetos, e não havia forças humanas que o sustivessem.

Tornava a sahir de casa o desregrado, e tornava a recolher-se... quasi com o sol fóra.

Dir-se-hia um incorrigível.

De certo tempo em diante começou a andar pallido e macilento, — fatal consequencia das noitadas!

Ultimamente mesmo ia perdendo a appetencia da comida e trocando o ar presenteiro de outras epochas por um não-sei-que de sorumbatica tristeza.

De expansivo e risonho que fóra tornara-se melancolico e sombrio.

Clotilde já nem se atrevia a importunar-o com o pedir-lhe que não continuasse; convencera-se afinal de que eram inefficazes n'aquelle ponto as suas sollicitações.

Mas o resto de esperanza, que ainda assim não queria abandonar-a, concentrava-a na doce *Consoladora dos Afflictos*, a quem todos os dias rezava de joelhos, pedindo-lhe fervorosa a favor do seu Carlos, para que este se desviasse affim d'aquelle malfadado viver em que andava.

Uma noite Carlos entrou em casa tarde, bem tarde, como por costume; vinha agitado e apprehensivo; poucas palavras deu e deitou-se.

Passados minutos, adormecia.

Mas era um dormir inquieto, sobresaltado, febril.

Pouco depois entrou a sonhar.

Clotilde rezava entretanto ajoelhada perante um retabulo da Virgem que lhe pendia á ilharga do leito, — uma deliciosa pinturinha em cobre que fazia lembrar o suave pincel de Murillo.

O somno de Carlos parecia desassocegado e tumultuoso.

De quando em quando o somnambulo soltava meias-phrases e passava a mão pela testa, como se uma idéa negra o assoberbasse.

— Quinhentos mil réis!... sim!... quero a desforra dos quinhentos mil réis, que esta noite perdi!

E após estas... uma serie de palavras desincontradas, a que nem sempre era facil descortinar o nexo.

— A dobrar!... vamos a dobrar!

Lia-se-lhe na expressão physiognomica bem claramente, que o cerebro estava sendo laborado por uma successão de impressões violentas.

— Tem artes magicas este esconjurado valete!... pois eu hei-de ficar sempre perdendo!?... a dobrar! a dobrar! constantemente a dobrar!

E o suor escorria-lhe em bagas pela fronte, um suor frio e copioso.

— Maldição! maldição sobre mim!

E arrepellava automaticamente os cabellos.

Clotilde, em piedosa genu-flexão ante o sacrosanto retabulo, balbuciava esta devota prece n'um tom de voz tão debil que mal se deixava perceber.

— Rainha do céu, valei-me e volvei sobre aquelle infeliz os vossos olhos de Mãe Misericordiosa! Sede a minha intercessora perante vosso amado Filho, immaculada Virgem! Vós, que sois a *Saude dos Infernos*, e o *Refugio dos Peccadores*, desdobrac clemente e piedosa um panno do vosso manto sobre meu desgraçado esposo, para que elle assim protegido accorde affim curado e livre d'aquella ruin paixão que o mata! Amerecae-vos d'esta vossa pobre serva, e dignae-vos acudir-me pondo um remate ás minhas attribulações...

— Um az!... um az!... balbuciava o somnambulo com a voz entrecortada por estremeções nervosas.

— Maria Santissima, arrancai d'aquella alma atormentada o fúnesto germen que a devora!...

— Jesus! Santo nome de Jesus!... a minha querida esposa! bradou Carlos de repente, despertando do seu pezadelo, todo alagado em suor.

Com este grito angustioso de Carlos coincidiu, como em resposta, um outro brado soltado por Clotilde, — mas não de susto nem de angustia, antes de regozijo intimo e de felicidade suprema.

— És tu, Clotilde? és tu que eu tenho aqui nos meus braços? exclamou Carlos estreitando o collo de sua esposa, com os olhos esgastrados e ainda meio agitado por um tremor convulso.

— Sou eu, Carlos, sou eu; pois quem querias tu que fosse?

— Ah! e agora reparo! velavas... rezavas por mim, no piedoso

fervor da tua creença, enquanto eu dormia torturado por cruel pezadelo as horas que extenuado e cansado não podia já furtar ao somno reparador para as malbaratar vilmente na infancia do jogo! Olha! quero contar-te as peripecias d'este sonho que foi deveras horrendo. Imagina tu: sempre aquelle molino baralho a inlouquecer-me! sempre a mesma infernal tentação! Esta noite, por exemplo, perdi eu nem mais nem menos de quinhentos mil réis! uma bagatella — vês tu? — o sufficiente para matar a fome durante um anno a tres ou quatro familias em penuria! É uma barbaridade, Clotilde, bem sei que é uma barbaridade estares tu muitas vezes a poupar uns tostões, privando-te de uma pulseira ou de um broche em que faças gosto... e eu, ali, n'aquelle negregado fadario a desperdiçar assim estupidamente! N'esta noite, como te digo, foram-se... quinhentos mil réis! Não sei se por ser a primeira vez que perdi mais avultada quantia, se pelo motivo de ter de ir amanhã vender inscripções para saldar esse debito, o caso é que adormeci preocupado com a idéa dos taes quinhentos mil réis. Apenas fechei os olhos, surgiu-me de novo em sonho o espectáculo fascinante de uma casa de jogo. Em frente da mesa principal sentava-se, fazendo ronda, um sujeitinho de singularissimo aspecto, a brincar desdenhosamente com o oiro que tinha defronte de si aos montes, e lançando-me de quando em quando um olhar entre sinistro e escarninho que parecia fazer impertinente mofa do meu comparecimento affi. Dava-se ares de quem jugava pouco para medir-se n'um El-Dorado d'aquelles um financeiro de tão limitados recursos como eu. Mais me irritou por isso o mephistophelico sorriso do meu adversario; abeirrei-me do panno verde; despejei n'elle o ouro todo que trazia no bolso, cincoenta coróas; eram á justa os quinhentos mil réis, que havia apurado para hoje pagar o debito da vespera; e apontei-os de chofre na quina de copas contra o valete de espadas. O banqueiro pareceu filar-me com ar de triumpho petulante. Corridas as cartas... sabia um valete, — o valete de paus! Despeitado com similhante estreia, pedi mais dinheiro aos circumstantes. A carta do banqueiro continuava a ser o valete, — d'esta vez o valete de oiros; apontei contra elle dobrando a parada, e perdi. Dobrei successivamente, e perdi terceira, perdi quarta vez! Era questão realmente para inraivecer perante um bruxedo assim! Dobrando e redobrando, fui perdendo sempre! E — caso extraordinario! — sempre o maldito valete de paus era quem apparecia no correr do baralho a annunciar-me o successivo desfalque da nossa casa. Á sexta parada quiz tentar se n'um lance extremo de arrojo deixava o azar de perseguir-me, — e, no intuito de restaurar as minhas finanças meias-arruinadas, apontei ainda uma vez contra o obstinado valete a metade que me restava da nossa fortuna. Tremulo, ancioso, o coração estorcia-se-me dentro do peito, como se agulhas de fogo m'o espicaçassem n'aquelle febricitante arquejar. A final de contas... perdido... estava tudo perdido!... por minha má cabeça acabava eu de vêr sumir-se-me o ultimo ceutil!... ficavamos ambos pobres... completamente pobres! tu, uma innocente victima! eu, um desgraçado louco, miseravel e vilipendiado! Até o valete de paus surria tambem já para mim com sarcastico escarneo! No auge do desespero ia eu a realizar machinalmente não sei que lobrega intenção de suicidio, quando a ironia provocante do meu antagonista me propoz ainda uma derradeira tentativa de desforra: — em troca de toda a fortuna, que eu n'aquelle momento acabava de perder, o valor da parada que me propunha eras tu... tu propria, Clotilde! E o teu desvairado esposo n'um arranco de infernal delirio... jogou-te! Joguei-te, sim! não queiras tu nunca adivinhar os tormentos damnados por que pôde sentir-se devorada a alma d'un homem ao collocar a esposa, durante um accesso de loucura inexplicavel, sobre os contingentes vaivens de uma carta de jogar! Quiz desviar os olhos d'aquelle aziago baralho, mas havia um poder sobre-natural que m'os não deixava desprender d'ali. E as cartas foram correndo, correndo... De repente assomou por debaixo de uma sena de copas o cantinho de uma carta pintada. N'um lampejo, de esperanza palpitou-me um az — a carta com que eu ganhava! Tu, não sei como, intráras ali, — e, conchegada a mim, deixavas melancolica pender o rosto sobre o meu hombro. O banqueiro levantou a sena de copas, e em logar da carta que se me affigurava... descobriu mais uma vez um valete, o sempiterno valete de paus! que horror!... Vi-o então destacar-se do baralho, vi-o tomar vulto e intrar a crescer medonho para ti, como coisa má que pretendesse impolgar-te e engulir-te... e, o que é mais, reproduzindo fielmente no seu diabolico sorriso as feições sinistras e zombeteiras do meu competidor! A voz pegára-se-me na guela e o corpo á cadeira, como se uma força invisivel me dominasse e prendesse; mas por um supremo esforço, assombrado e louco de terror, parecendo-me vêr n'aquillo obra de Satanaz, exclamei instinctivamente: «Jesus! Santo nome de Jesus!» N'isto senti um grande estoiro, e dissipou-se tudo envolto n'uma nuvem de fumo! não havia de que duvidar: evidentemente era o demonio! Foi então que despertei d'este sonho terrivel, ainda meio-estremunhado cuidando haver-te perdido, mas encontrando-te a velar... a rezar por mim! Oh! minha pobre esposa! salvaste-me e venceste; podes ter d'ora avante a gloria de que venceste... porque estou curado, juvo-te que estou curado d'este hediondo vicio, e que nunca mais em minha vida tornarei a jogar, — tão funda é a impressão que sinto, e que já agora se me não riscará da lembrança! A allegoria figurou-se-me realmente frisante: ha lá peor inimigo do que o demonio do jogo? Bem me repetias tu que andava n'isto a influencia do espirito maligno. Clotilde! foste deveras o meu Anjo da guarda!

— Não digas isso, Carlos; agradece-o á Virgem das Dores, que attendeu porfim aos meus rogos, — e tão feliz, tão ditosa lhe approveu fazer-me, que no momento em que tu acordavas do teu sonho... nem



O DOURO E SUAS MARGENS VISTO DO PONTO MAIS ALTO DA CIDADE DO PORTO

Gravura extraída da Formosa Lusitania, edição da Livraria Portuense do sr. Manuel Malheiro

sei como não desmaiei de ventura com a noticia que tenho a dar-te em segredo, esposo da minha alma... n'esse momento mesmo sentia eu pular-me e remechar-me nas entranhas pela primeira vez o alvoreço da maternidade.

Carlos, meu Carlos, adquiri finalmente a certeza de que dentro em poucos mezes, perante a graciosidade fagueira do teu innocente filho... ficarás tendo em que entreter as noites! Foi a Virgem que me ouviu e que nos salvou!

XAVIER DA CUNHA.

A FORMOSA LUSITANIA

No n.º 8 do OCCIDENTE referimo-nos já a um formoso livro escripto originariamente em inglez por uma viajante distincta, Lady Jackson e trasladado a portuguez, prefaciado e annotado por Camillo Castello Branco. Damos hoje reproduzida uma das vinte formosas gravuras que adornam essa bella obra em que o nosso paiz é tão lisonjeiramente tratado por uma elegante *touriste* que se enthusiasma a cada passo com as bellas naturaes da nossa patria, com os nossos monumentos, e as nossas tradições.

A edição portugueza da *Formosa Lusitania* deve-se ao sr. Manuel Malheiro, proprietario da Livraria Portuense, que além de nos proporcionar a leitura d'um bello volume, sob o aspecto artistico e material, incumbiu a versão a um verdadeiro mestre da lingua, a Camillo Castello Branco, que ao mesmo tempo enriqueceu a obra com muitas notas elucidativas, quasi sempre graciosas e extremamente sensatas, servindo de correctivo a algumas ligeiras inexactidões de detalhe, que a auctora uma vez por outra commette na sua rapida passagem atravez das nossas cousas e dos nossos costumes.

A *Formosa Lusitania* pela justiça com que um elevado espirito estrangeiro aprecia as nossas cousas, pela elegante despretensão das suas observações e da sua critica, pelas excellentes gravuras no genero inglez, intercaladas nas suas paginas, é um bello livro digno de todos os que presam as boas letras.

A auctora percorre n'uma rapida visita o nosso paiz, desde o magestoso porto de Lisboa, até ás formosas veigas do Minho, tendo sempre uma observação justa para cada novo aspecto da paisagem, no meio da qual vão avultando successivamente, os monumentos e os principaes pontos pittorescos do nosso paiz, *Ciutra, Cellares, o Bussaco, a Batalha, os Jeronymos, a Torre de Belem, o Castello da Pena, a Barra de Lisboa, o Douro,* etc.

Parece-nos ter dito o sufficiente para despertar a curiosidade dos leitores, com relação a um livro a todos os respeitoz notavel, e dos mais elegantes que nos ultimos tempos tem saído das typographias portuguezas, e especialmente dos prelos portuenses, que podem competir com os estrangeiros na nitidez e perfeição dos seus productos.

O preço da obra em relação ao seu merecimento, é extremamente modico, 4\$000 réis, e o seu editor na rua do Almada no Porto, satisfaz promptamente quaesquer requisições.

O preço da obra em relação ao seu merecimento, é extremamente modico, 4\$000 réis, e o seu editor na rua do Almada no Porto, satisfaz promptamente quaesquer requisições.

CORRESPONDENCIAS

E AVISOS

Ao sr. correspondente alemtejano que nos escreve fazendo algumas observações sobre dois artigos publicados em dois dos nossos ultimos numeros, com relação a monumentos historicos, temos a observar que para fazer-mos chegar ao conhecimento dos nossos distinctos collaboradores a quem pertence a responsabilidade d'aquelles escriptos, as suas observações, será necessario que as faça segundo as praxes usuas e separadamente, com relação a cada artigo.



MEDALHA CONFERIDA AOS EXPOSITORES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Cada qual com seu equal.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6